

Acolhimento seletivo: paradoxo da hospitalidade e da violência de gênero e sexualidade

Selective welcoming: the paradox of hospitality and gender- and sexuality-based violence

Acogida selectiva: la paradoja de la hospitalidad y de la violencia de género y sexualidad



Cristian Borges

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Solano de Souza Braga

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

André Riani Costa Perinotto

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

DATAS

Recebido: 08/04/2026

Aprovado: 19/07/2026

EDITADO POR

Diego Ribeiro Santos

RESUMO

Este artigo investiga o paradoxo entre a imagem de Minas Gerais como um destino turístico acolhedor e a realidade estatística da violência de gênero e contra a população LGBTQ+ no estado de Minas Gerais. A partir de um referencial que articula os estudos da hospitalidade, a geografia do medo e a teoria de gênero e sexualidade, o trabalho desnaturaliza o conceito de “mineiridade” ao contrapor o discurso institucional do marketing turístico com a análise de dados oficiais de segurança pública dos últimos dez anos. A metodologia abrange a análise do discurso de materiais promocionais e a análise estatística descritiva de registros de LGBTQIA+fobia, feminicídios e violência doméstica. Os resultados demonstram que a “hospitalidade mineira” opera como um dispositivo de hospitalidade condicional, cuja função é atrair públicos, invisibilizando a violência sistêmica existente no dia a dia da população local. Conclui-se que a realidade da violência pode moldar a experiência espacial de turistas e residentes LGBTQ+, subvertendo a narrativa hegemônica de um estado universalmente acolhedor e revelando seu caráter de anfitrião seletivo.

PALAVRAS-CHAVE

Hospitalidade, violência de gênero, LGTfobia, Minas Gerais, análise do discurso.

ABSTRACT

This article investigates the paradox between the image of Minas Gerais as a welcoming tourist destination and the statistical reality of gender-based violence and violence against the LGBT+ population in the state. Drawing on a framework that brings together hospitality studies, the geography of fear, and gender and sexuality theory, the study denaturalizes the concept of *mineiridade* by contrasting the institutional discourse of tourism marketing with an analysis of official public security data from the last ten years. The methodology includes content analysis of promotional materials and descriptive statistical analysis of records of LGBTQIA+phobia, femicide, and domestic violence. The results show that “Minas hospitality” operates as a mechanism of conditional hospitality whose function is to attract audiences while rendering the systemic violence present in the daily lives of the local population invisible. It is concluded that the reality of violence may shape the spatial experience of LGBT+ tourists and residents, subverting the hegemonic narrative of a universally welcoming state and revealing its character as a selective host.

KEYWORDS

Hospitality, gender-based violence, LGBTphobia, Minas Gerais, discourse analysis.

RESUMEN

Este artículo investiga la paradoja entre la imagen de Minas Gerais como un destino turístico acogedor y la realidad estadística de la violencia de género y de la violencia contra la población LGBT+ en el estado. A partir de un marco teórico que articula los estudios de la hospitalidad, la geografía del miedo y la teoría de género y sexualidad, el trabajo desnaturaliza el concepto de “mineiridad” al contraponer el discurso institucional del marketing turístico con el análisis de datos oficiales de seguridad pública de los últimos diez años. La metodología abarca el análisis de contenido de materiales promocionales y el análisis estadístico descriptivo de registros de LGBTQIA+fobia, feminicidios y violencia doméstica. Los resultados demuestran que la “hospitalidad minera” opera como un dispositivo de hospitalidad condicional, cuya función es atraer públicos, invisibilizando la violencia sistémica existente en la vida cotidiana de la población local. Se concluye que la realidad de la violencia puede moldear la experiencia espacial de turistas y residentes LGBT+, subvirtiendo la narrativa hegemónica de un estado universalmente acogedor y revelando su carácter de anfitrión selectivo.

PALABRAS CLAVE

Hospitalidad, violencia de género, LGBTfobia, Minas Gerais, análisis del discurso.

1 Introdução

A hospitalidade, como fenômeno social e campo de investigação acadêmica, tem seus limites definidos não apenas por normas de cortesia, mas por estruturas de poder que determinam quem é, de fato, bem-vindo. O estado de Minas Gerais, no Brasil, consolidou ao longo de sua história um capital simbólico de grande valor para o turismo, a “hospitalidade mineira”. Este construto social, evocado do senso comum à promoção turística institucional, descreve uma suposta vocação inata do povo mineiro para o acolhimento e a boa recepção. A “mineiridade”,

como imaginário social, transforma-se em um ativo de marketing e promessa de segurança para o visitante (Arruda, 1999).

Contudo, sob a superfície dessa narrativa hegemônica, emergem realidades que a contradizem frontalmente. Dados provenientes de órgãos de segurança pública, da sociedade civil e de pesquisas acadêmicas revelam um cenário de violência, que atinge de forma desproporcional grupos socialmente vulneráveis. Relatórios da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) posicionam Minas Gerais entre os estados com altos números absolutos de assassinatos de pessoas trans (ANTRA, 2024). O Anuário Brasileiro de Segurança Pública aponta a persistência de índices elevados de feminicídio e violência doméstica na região Sudeste (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024). Dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania também indicam crescimento expressivo nas denúncias de violações contra a população LGBTQIA+ no país (MDHC, 2023). Esta realidade estabelece um profundo paradoxo, pois como um território, cuja imagem pública se assenta na promessa de acolhimento, ser simultaneamente palco de tanta violência contra mulheres e a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades de gênero e sexualidade dissidentes?

O problema de pesquisa que orienta esta investigação é a incompatibilidade entre o discurso mercadológico da hospitalidade e a prática social da violência. Questiona-se de que forma o discurso da hospitalidade mineira, promovido institucionalmente, oculta e contrasta com as realidades de violência e medo experienciadas por grupos de gênero e sexualidade dissidentes no estado? A hipótese central é que a "hospitalidade mineira" opera de forma seletiva, funcionando como um dispositivo discursivo que, ao mesmo tempo em que atrai um perfil de turista desejado, invisibiliza e marginaliza corpos e existências que escapam à norma heterocispatriarcal.

O objetivo geral é analisar criticamente o paradoxo da hospitalidade mineira frente à violência de gênero e sexualidade em Minas Gerais. Especificamente, busca-se mapear os elementos discursivos que constroem a imagem de Minas Gerais como destino acolhedor, analisar dados de violência contra a população LGBTQ+ e contra mulheres no estado, e articular os conceitos de hospitalidade, segurança e geografia do medo para interpretar as experiências de turistas e residentes LGBTQ+.

No plano acadêmico, o artigo contribui para os campos interdisciplinares do Turismo, Gênero e Segurança Pública ao propor uma análise crítica da hospitalidade, afastando-se de uma visão romantizada para tratá-la como um objeto sociológico complexo, permeado por relações de poder (Derrida & Dufourmantelle, 2000). Preenche, assim, uma lacuna ao investigar como a violência de gênero impacta a percepção de segurança e a experiência turística, dialogando com o campo emergente da geografia do medo (Souza & Feliciano, 2021). A relevância do estudo reside também em sua proposta de dar visibilidade a uma grave questão de direitos humanos. A violência contra a população LGBTQ+ e mulheres é um problema estrutural no Brasil, e o atendimento a essas vítimas pelos órgãos de segurança ainda é um desafio (Minayo et al., s.d.).

Ao confrontar a imagem idealizada do estado com a brutalidade dos dados, a pesquisa fomenta um debate público necessário sobre as políticas de segurança e de promoção turística que sejam, de fato, inclusivas e que garantam a integridade física e psicológica de todas as pessoas, independentemente de seu gênero ou orientação sexual. O artigo organiza-se em cinco seções:

introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e considerações finais. Ao longo dessa estrutura, argumenta-se que hospitalidade e hostilidade não são opostos absolutos, mas polos articulados de um mesmo *continuum* de controle social.

2 Metodologia

Para investigar o paradoxo entre a "hospitalidade mineira" e a realidade da violência de gênero e sexualidade, esta pesquisa adota uma abordagem de natureza mista, que combina métodos quantitativos e qualitativos (Creswell & Creswell, 2017). O estudo possui um caráter exploratório e descritivo, buscando aprofundar a compreensão sobre a intersecção pouco explorada entre o discurso turístico e os dados de segurança pública em Minas Gerais, e caracterizar ambos os fenômenos a partir de dados secundários. A estratégia central se apoia integralmente na análise de fontes documentais e bases de dados abertas.

A análise foi estruturada em dois eixos complementares. O primeiro, de natureza qualitativa, se debruça sobre o discurso institucional que constrói a imagem de Minas Gerais como um destino acolhedor. O *corpus* de análise é composto por materiais de promoção turística da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT-MG, 2025). Para o tratamento desse material, emprega-se a técnica de Análise do Discurso (Foucault, 2017; Orlandi, 2020), que permite investigar as condições de produção do discurso institucional e as relações de poder nele inscritas, identificando as formações discursivas e os enunciados recorrentes, tais como "tradição e família", "acolhimento inato" e "segurança e tranquilidade", bem como os silenciamentos do discurso, notadamente a ausência de representações da diversidade de gênero e sexualidade. O segundo eixo, de caráter quantitativo, dedica-se à construção de um panorama da violência, utilizando as bases de dados oficiais da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP/MG) sobre LGBTQIA+fobia (2016-2025), Violência Doméstica e Feminicídio (2019-2025), contextualizadas com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024). Os dados são tratados pela estatística descritiva para mapear a evolução, a distribuição geográfica e a natureza dos delitos.

É necessário reconhecer as limitações das fontes utilizadas. Os registros oficiais de segurança pública são afetados pela subnotificação, especialmente em crimes marcados por vergonha, medo e represálias, como a violência de gênero e a LGBTfobia. Além disso, os dados sobre crimes contra a população LGBTQIA+ muitas vezes se baseiam na 'causa presumida', o que pode não capturar todos os casos motivados por preconceito. Assim, o estudo não pretende fixar números absolutos da violência, mas utilizar os dados oficiais como indicadores de um padrão suficientemente robusto para confrontar o discurso da hospitalidade universal.

3 Desconstruindo o acolhimento: hospitalidade, medo e gênero

3.1 Estudos da hospitalidade

Para analisar o paradoxo proposto, é preciso mover o conceito de hospitalidade de sua esfera vernacular, associada ao senso comum do bom acolhimento, para seu campo de estudo

enquanto um complexo fenômeno social e filosófico. A reflexão sobre o ato de hospedar remonta à Antiguidade Clássica, no qual a *xenia* grega era um dever sagrado e um pilar da ordem social, protegido por Zeus e imortalizado na literatura homérica (Iskan, 2017). A noção de hospitalidade também perpassa textos religiosos fundamentais, que frequentemente associam a acolhida do estrangeiro a uma virtude moral ou divina, como se observa em diversas passagens bíblicas (Rodrigues, 2015). Contudo, foi somente no século XX que a hospitalidade se consolidou como um campo de investigação acadêmica interdisciplinar, congregando olhares da sociologia, antropologia, filosofia e, mais recentemente, dos estudos críticos de turismo e gênero (Bastos & Rejowski, 2015).

Pesquisadores brasileiros, como Camargo (2004), foram pioneiros na sistematização desse campo, definindo a hospitalidade como o ato humano de receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas. Em chave sociológica, Mauss (2017), ainda que não trate diretamente da hospitalidade, oferece um arcabouço útil ao mostrar que a dádiva produz obrigações de retribuição, laços sociais e relações de poder entre anfitrião e hóspede.

Derrida (2003) estabelece uma distinção entre a hospitalidade incondicional (ou absoluta) e a hospitalidade condicional. A primeira representa um ideal ético, uma acolhida pura e irrestrita do estrangeiro, do "outro" em sua alteridade radical, a quem se oferece tudo sem solicitar nada em troca, nem mesmo seu nome ou identidade. Derrida, contudo, a define como uma utopia, uma ideia reguladora que é, na prática, impossível. A segunda, a hospitalidade condicional, é a que se pratica socialmente, sendo regida por um conjunto de leis, normas, direitos e deveres. É uma hospitalidade que impõe condições ao recém-chegado: ele deve respeitar as regras da casa, apresentar seus documentos, adequar-se aos costumes. O anfitrião, nesse cenário, detém o poder soberano sobre o seu domínio.

Complementando essa perspectiva, Gotman (2001) analisa a hospitalidade como prática permeada por rituais, trocas simbólicas e relações de poder, mostrando que ela pode operar tanto como mecanismo de inclusão quanto de exclusão. Em sentido próximo, Selwyn (2005) destaca a ambiguidade da hospitalidade comercial, situada entre generosidade e cálculo.

É precisamente sob a luz dessas teorias que o construto da "hospitalidade mineira" pode ser desnaturalizado. Longe de ser uma característica inata, a "mineiridade" é um poderoso imaginário social, uma construção histórica forjada ao longo de séculos que projeta uma imagem de afabilidade, recato e cordialidade (Arruda, 1999). Como aponta a historiografia, essa identidade regional não é uma "essência" imutável, mas uma fonte de significados que, ao ser reiterada, norteia um conjunto de valores e ações (Campos & Feres Júnior, 2015).

Ao ser mercantilizada pelo turismo, essa hospitalidade opera sob a lógica da condicionalidade (Derrida, 2003). O acolhimento é oferecido, mas está intrinsecamente atrelado à adesão a padrões sociais hegemônicos, notadamente heteronormativos e patriarcais. A condicionalidade se manifesta na expectativa de que o visitante (ou mesmo o residente) se conforme a uma performance social de discrição e adequação (Perinotto et al., 2022, p. 23). A quebra dessa norma, seja por uma demonstração de afeto homoafetivo, pela expressão de uma identidade de gênero não-normativa ou por qualquer comportamento que desafie a ordem vigente, pode ser o gatilho para a suspensão do acolhimento. Nesse momento, a hospitalidade se

retrai e a hostilidade emerge, revelando que o "sentir-se em casa" não é uma experiência universal (Gotman, 2001), mas um privilégio concedido àqueles que não transgridem as fronteiras invisíveis do anfitrião. Este eixo teórico é, portanto, necessário para investigar a quem a promessa de acolhimento mineira é realmente endereçada e quais são os corpos e identidades que ela sistematicamente deixa de fora.

Para qualificar a discussão à luz das problemáticas sociais da comunidade LGBTI+, incorporam-se as contribuições de Silva e Souza (2023), que propõem hospitalidade e hostilidade como categorias analíticas complementares para compreender as violências urbanas sofridas por essa população, e de Rao (2014), que introduz o conceito de homonacionalismo para discutir como certas narrativas de hospitalidade incluem seletivamente sujeitos LGBT+ conforme sua conformidade a padrões de consumo e cidadania. Complementarmente, Rosenbloom e Batstone (2007) discutem como espaços de hospitalidade comercial voltados ao público queer produzem uma *comunitas* liminar, ao mesmo tempo emancipatória e mercantilizada, o que reforça a leitura da "hospitalidade mineira" como fenômeno atravessado por lógicas de consumo seletivo.

3.2 Geografia do medo e (in)segurança

A compreensão do paradoxo da hospitalidade mineira exige uma análise que transcenda as estatísticas de violência e alcance suas dimensões espaciais e subjetivas. A geografia do medo, um campo de estudo consolidado, oferece o arcabouço teórico para tal. O trabalho seminal de Yi-Fu Tuan (2005) em *Paisagens do Medo* é o ponto de partida ao demonstrar como o medo, seja ele derivado de experiências diretas ou de uma percepção de risco, é um poderoso agente modelador do espaço, influenciando a mobilidade e a interação social.

Pain (2009) amplia essa discussão ao argumentar que o medo é politicamente produzido e distribuído de forma desigual, funcionando como ferramenta de controle social. Esse argumento dialoga com as geografias afetivas, que analisam como os espaços são atravessados por atmosferas emocionais (Anderson, 2009). É precisamente essa "atmosfera" que é vivenciada de forma radicalmente diferente a depender do gênero e da sexualidade, como aponta a geógrafa feminista Massey (1994). Mulheres e pessoas LGBT+ estão desproporcionalmente sujeitas a uma "geografia de restrições", na qual a sua liberdade é cerceada pelo medo da violência (Borges, 2021). Essa realidade condiciona diretamente a experiência turística.

A segurança emerge como fator primordial na escolha de um destino por viajantes LGBT+, que realizam um cálculo constante dos riscos associados a cada espaço e interação (Gotardo & Bastos, 2023; Borges et al., 2025). Nesse sentido, a revisão de literatura de Borges e Braga (2026) sobre segurança de turistas LGBTQIAPN+ reforça que a percepção de risco é um dos fatores mais determinantes na decisão de viagem e na experiência *in loco* dessa população, corroborando a centralidade da geografia do medo discutida nesta seção.

Nesse contexto, a noção de espaços "gay friendly" surge como uma estratégia espacial (Borges & Braga, 2026). Contudo, eles operam frequentemente sob uma lógica de "tolerância vigiada" (Pereira & Simões, 2015), funcionando como enclaves de segurança condicional. A

aceitação é restrita a espaços de consumo específicos, enquanto espaços públicos tradicionais como praças de cidades do interior ou eventos religiosos permanecem como territórios nos quais a vigilância social cria uma atmosfera afetiva de repressão. A expressão da identidade pode, por exemplo, ser tolerada em uma boate em Belo Horizonte, mas duramente reprimida em uma festa de padroeiro, obrigando o sujeito a um constante gerenciamento de sua visibilidade.

3.3 Teoria de gênero e sexualidade e a produção da violência

As geografias do medo, que materializam a exclusão de certos corpos no espaço, não são fenômenos arbitrários; são o produto direto de estruturas de poder profundas. Para compreender por que mulheres e pessoas LGBTQIA+ se tornam alvos preferenciais da violência, é indispensável aplicar a teoria de gênero e sexualidade. Este eixo teórico permite desnaturalizar o patriarcado e a heteronormatividade, sistemas que definem o que é considerado "normal" e, consequentemente, o que é "desviante" e passível de punição.

A base para essa compreensão reside na violência simbólica (Bourdieu, 2019), que se manifesta em discursos, piadas e gestos que, ao reforçar estereótipos, criam um ambiente que legitima a agressão física. Essa violência sutil, porém, constante, é o húmus sobre o qual a geografia do medo floresce, ao ensinar a certos corpos que seu lugar no espaço é condicional.

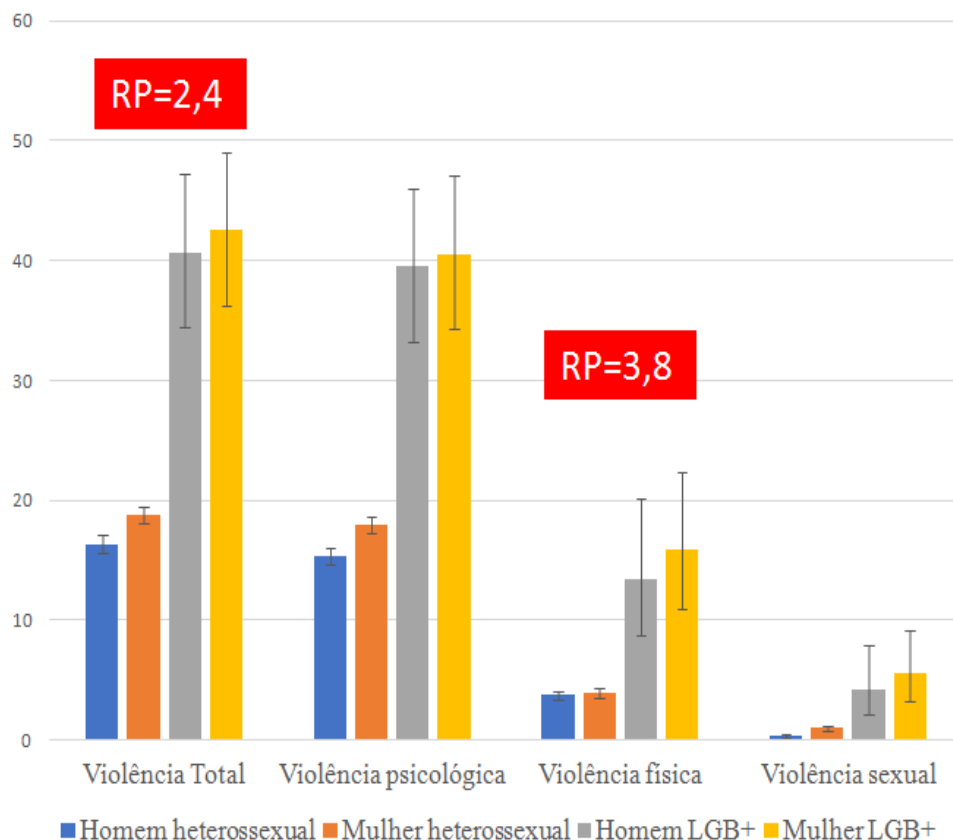
A teoria *queer*, em particular, nos ajuda a complexificar essa análise. Rubin (1984), em seu influente e seminal ensaio "Thinking sex", propõe o conceito de "círculo mágico" da sexualidade, dentro do qual se encontram as práticas sexuais aceitas (heterossexuais, monogâmicas, reprodutivas), enquanto fora dele, no "domínio exterior", estão as sexualidades estigmatizadas. A violência emerge como uma forma de policiar essa fronteira. De maneira análoga, Butler (2018), com o conceito de performatividade de gênero, demonstra que gênero é uma construção social reiterada. Quando o desempenho de um indivíduo desafia as normas socialmente aceitas, essa "quebra de expectativa" é percebida como uma ameaça à ordem, resultando no fracasso da "hospitalidade" e na eclosão da violência.

É preciso, no entanto, ir além de uma visão monolítica do público "LGBT+". A sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuais e outras identidades) representa uma coalizão de identidades distintas, com vulnerabilidades específicas. Uma teórica fundamental no Brasil, Louro (2004), argumenta que a pedagogia cultural nos "ensina" a ser de determinado gênero e a ter determinada sexualidade, e aqueles que escapam a essa lição tornam-se "corpos estranhos". A experiência de uma travesti (identidade de gênero), por exemplo, a expõe a formas de violência, como a transfobia, que são diferentes daquelas sofridas por um homem gay cisgênero (orientação sexual). A socióloga Berenice Bento (2008), por sua vez, aprofunda a análise sobre a transgeneridade, mostrando como a rigidez das normas de gênero leva à patologização e à violência contra corpos trans.

Esses aportes teóricos dialogam com dados empíricos recentes sobre violência de gênero e sexualidade no Brasil. Segundo estudo da UFMG, Ministério da Saúde e IBGE (Vasconcelos et al. 2023), pessoas LGBT+ têm mais que o dobro de probabilidade de sofrer diferentes tipos de

violência em relação aos heterossexuais, um reflexo das estruturas sociais discutidas por Rubin e Butler. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS/2019) indica que homens e mulheres LGBTQ+ são, respectivamente, 2,69 e 2,40 vezes mais vulneráveis à violência, com índices significativamente superiores de violência física, sexual e psicológica (Figura 1). Além disso, o alto índice de subnotificação, com muitos indivíduos optando por não declarar sua orientação sexual, revela o peso do estigma e da invisibilidade.

Figura 1 - Violência contra brasileiros por tipo e orientação sexual e de identidade de gênero



Fonte: Vasconcelos et al. (2023), com base em dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS/2019), IBGE e Ministério da Saúde, elaboração UFMG (2025), Belo Horizonte, MG, Brasil.

Finalmente, uma perspectiva interseccional, conforme proposto por Davis (2016), é indispensável. A violência não afeta todos os corpos LGBTQIA+ da mesma forma. As "condições" da hospitalidade mineira também são moduladas por marcadores de raça e classe. Uma mulher lésbica e negra em uma cidade do interior de Minas Gerais enfrenta uma sobreposição de opressões (misoginia, racismo e lesbofobia) que a coloca em uma posição de vulnerabilidade muito maior do que a de um homem gay, branco e de classe média em um bairro nobre de Belo Horizonte. A integração desses conceitos permite analisar como a "hospitalidade mineira", promovida como universal, pode falhar em acolher e proteger justamente a diversidade de corpos que compõem a comunidade LGBTQIA+, tornando-se um "anfitrião seletivo" que reproduz violências estruturais.

4 Resultados

Nesta seção, articulam-se os dois eixos da pesquisa: o discurso institucional da hospitalidade e os dados de violência. O objetivo é mostrar como a imagem de Minas Gerais como território acolhedor contrasta com experiências concretas de insegurança.

4.1 A Hospitalidade como discurso: "Minas recebe bem?"

A promoção turística de Minas Gerais, conduzida pela Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT-MG), projeta a hospitalidade como essência do território, convertendo-a em um capital simbólico e ativo econômico. Campanhas como o "Ano da Mineiridade" mobilizam atributos como a simplicidade, o afeto e a sensação de segurança para criar um imaginário de refúgio afetivo enfatizado por ícones como a "gastronomia de vó" e os cenários de cidades coloniais, apresentados como antídotos às agruras da modernidade urbana (Minas Gerais, 2022; Oliveira, 2021). Trata-se de um discurso estrategicamente emocional que busca legitimar a universalidade desse acolhimento, como atestam as elevadas taxas de aprovação observadas em pesquisas de demanda turística (Ministério do Turismo, 2015).

No entanto, um exame visual e semiótico das campanhas, especialmente das peças de maior visibilidade como, por exemplo, a publicação do Dia dos Namorados de 2025 no perfil @visiteminasgerais, centrada integralmente em casais heterossexuais, revela que esse ideal de acolhimento está longe de ser universal (Figuras 2 e 3, p. 10). A hospitalidade, embora evocada como traço inato, apresenta limites sutis, demarcados sobretudo pelo perfil dos sujeitos representados: casais heterossexuais, normativos, famílias nucleares, turistas "ordeiros" todos reiterando padrões tradicionais de comportamento e pertencimento.

Figura 2 - Exemplo de postagem em um perfil oficial de turismo do governo de Minas Gerais



Fonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT-MG, 2025), perfil oficial de divulgação turística, Belo Horizonte, MG.

Figura 3 - Mosaico de imagens de divulgação utilizados em Minas Gerais



Fonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT-MG, 2025), material de campanha turística, período 2022-2025, Belo Horizonte, MG.

Esse desenho simbólico sugere que o convite ao acolhimento recai, de maneira quase exclusiva, sobre aqueles que confirmam e sancionam a ordem social vigente. Em linha com a teoria da hospitalidade condicional de Derrida (2003), o anfitrião mineiro acolhe, mas somente enquanto não for confrontado por expressões de diferença que desafiem fronteiras normativas: afeto homoafetivo, corporalidades dissidentes, existências trans nos espaços públicos. Nessas situações, o contrato simbólico da hospitalidade vacila e pode ser rompido; o sentido do “sentir-se em casa” cede terreno ao desconforto, à invisibilidade ou mesmo à hostilidade.

O discurso oficial, ao promover o “jeito mineiro de ser” como essência supostamente universal, apaga tensões, conflitos e experiências de exclusão (Figura 4). Isso se demonstra no padrão visual recorrente das campanhas, marcado pela repetição de casais heterossexuais em cenários românticos e pela ausência quase total de diversidade de corpos, identidades de gênero e orientações sexuais. Mais que omissão, trata-se de produção ativa de exclusão e de validação da norma. O “anfitrião seletivo” de que trata Gotman (2001) se materializa na hospitalidade mineira, que acaba convertida em instrumento de ratificação das hierarquias locais e da ordem social patriarcal.

Figura 4 - Marketing estatal ressaltando a hospitalidade mineira



Fonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT-MG, 2025), campanha "Ano da Mineiridade", Belo Horizonte, MG.

Desse modo, o discurso de acolhimento opera, na prática, como fronteira: ele admite a diferença somente até o ponto em que esta não ameaça a tranquilidade e a tradição instrumentalizadas como produtos turísticos. Qualquer expressão de identidade que desestabilize essa ordem seja um casal homoafetivo em demonstração pública de afeto, seja o simples trânsito de uma pessoa trans pode ser percebida como uma “quebra” contratual. O marketing turístico, ao prometer um acolhimento incondicional, robustece, na verdade, as barreiras da hospitalidade condicional e invisibiliza a experiência dos corpos vulneráveis, cuja presença é sistematicamente elidida.

A promessa midiática de “Minas recebe bem” converte-se, assim, em uma narrativa hegemônica, funcional para a atração de fluxos turísticos, mas dissonante ante as experiências de exclusão e insegurança vivenciadas por muitos. As contranarrativas e os relatos informais (como os colhidos em fóruns *online*) já apontam a distância entre o verniz cordial e as micro violências cotidianas, sugerindo que a aparente cordialidade pode mascarar preconceitos estruturais.

Em vez de reiterar o discurso essencialista da hospitalidade enquanto atributo universal e homogêneo, é preciso desvelar o seu funcionamento como operador de poder e regulação social. O que se exhibe como generosidade incondicional revela-se, à luz de uma análise crítica, como mecanismo sofisticado de exclusão, que protege os corpos conformes e expõe os dissidentes à

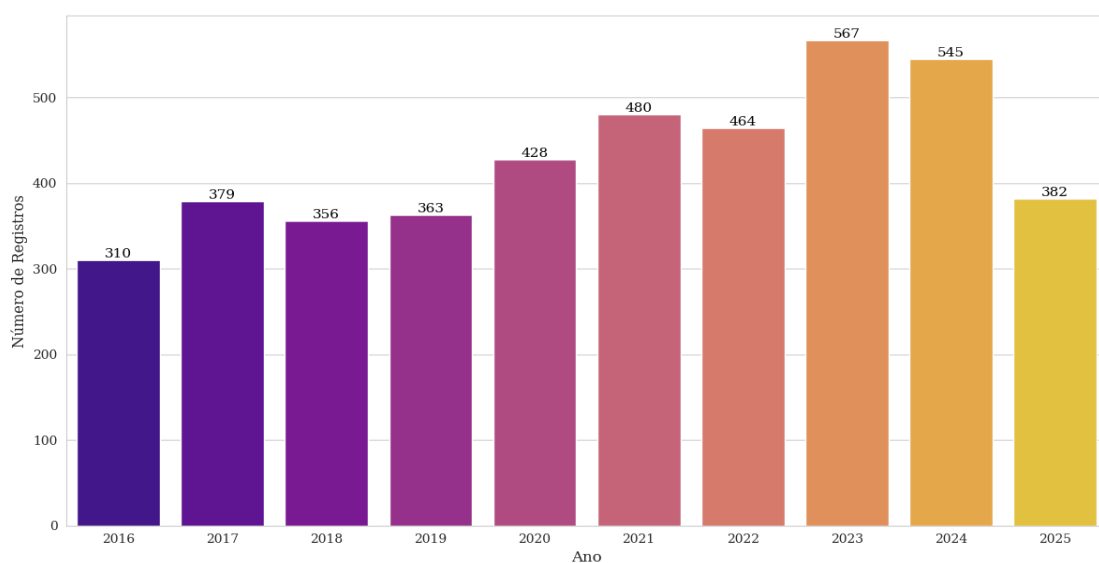
insegurança. Essa questão fica ainda mais evidente quando observada à luz dos dados de violência de gênero e sexualidade, apresentados a seguir.

4.2 Violência como realidade: um retrato da (in)segurança em Minas Gerais

Em contraponto direto ao discurso da hospitalidade universal, a análise dos dados oficiais de segurança pública revela uma realidade de violência persistente e sistêmica em Minas Gerais. Longe de serem incidentes isolados, os números demonstram um padrão consistente de agressões direcionadas a mulheres e à população LGBTQIA+, configurando uma paisagem de insegurança que o marketing turístico ignora. Este panorama quantitativo não somente desafia a imagem de um estado acolhedor, mas também expõe as fundações de uma violência estrutural que seleciona seus alvos com base em gênero e orientação sexual.

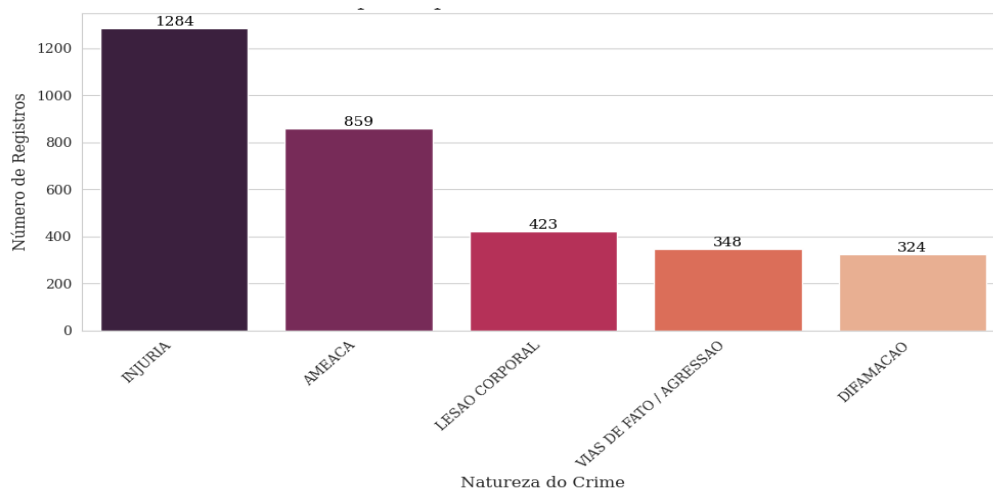
O primeiro indicador dessa realidade são os crimes motivados por LGBTQIA+fobia. A análise dos registros da SEJUSP/MG (2025) mostra uma constância alarmante, como detalhado nos gráficos das Figuras 5 e 6 (p. 11). Para além do volume total de casos, a natureza desses crimes é reveladora. Dos 4.274 registros analisados, os delitos mais comuns são injúrias (1.284 casos), Ameaça (859 casos) e Lesão Corporal (423 casos). Juntos, estes três tipos de crime, somados a "Vias de Fato / Agressão" e "Difamação", representam mais de 75% de todas as ocorrências. Isso sugere que a violência se manifesta predominantemente por meio de agressões que, embora nem sempre letais, corroem a segurança cotidiana e instalam um clima de medo constante. São exatamente essas violências "menores", verbais e psicológicas, que materializam a geografia do medo discutida por Tuan (2005), forçando uma autovigilância que contradiz qualquer noção de acolhimento irrestrito.

Figura 5 - Eventos de LGBT+fobia registrados por ano em Minas Gerais



Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (SEJUSP-MG, 2025), Painel LGBTQIA+Fobia, período 2016-2025, Belo Horizonte, MG.

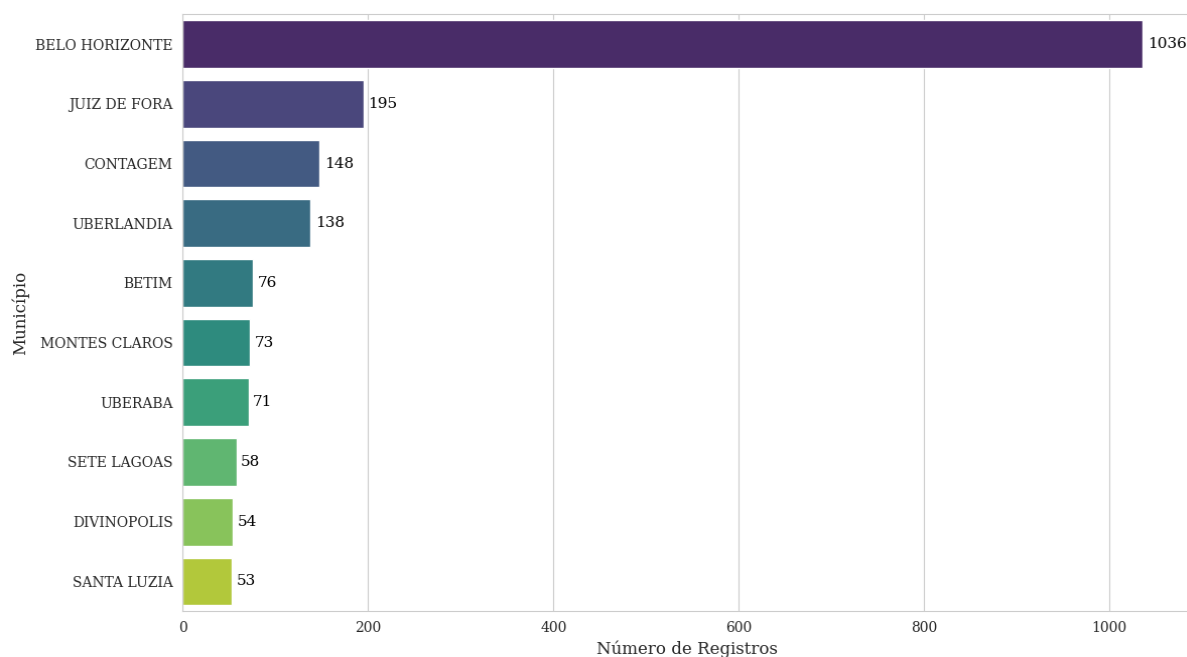
Figura 6 - Principais naturezas do crime contra LGBT+ em Minas Gerais



Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (SEJUSP-MG, 2025), Painel LGBTQIA+Fobia, total de 4.274 registros (2016-2025), Belo Horizonte, MG.

A dimensão geográfica da violência também se torna mais complexa sob um olhar aprofundado. Embora a Figura 7 (p.12) demonstre que Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberlândia e Contagem lideram, em números absolutos, uma análise da taxa de violência por habitantes, poderia revelar uma realidade distinta, em que os municípios menores apresentam uma intensidade proporcionalmente maior. Isso sugere que o controle social e as estruturas conservadoras em comunidades menores podem, paradoxalmente, potencializar o risco e a hostilidade, desmentindo a ideia de que o "interior" é inerentemente mais seguro ou acolhedor.

Figura 7 - Top 10 municípios com mais registros de LGBT+fobia em Minas Gerais



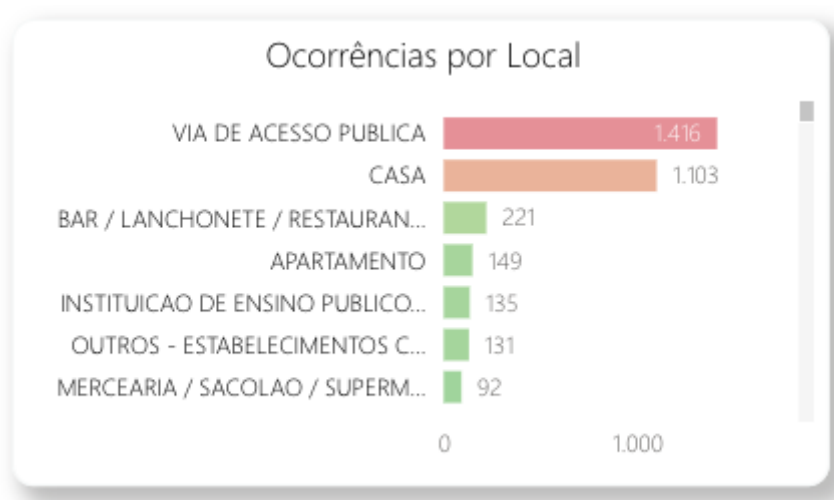
Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (SEJUSP-MG, 2025), Painel LGBTQIA+Fobia, período 2016-2025, Belo Horizonte, MG.

Esses padrões se conectam diretamente à violência de gênero estrutural. O número de vítimas de feminicídio (tentados e consumados) em 2023 posiciona Minas Gerais entre os estados com maior incidência do crime em números absolutos no cenário brasileiro, conforme aponta o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024). Os avassaladores 156.182 registros de violência doméstica no mesmo ano formam o pano de fundo sobre o qual a violência de sexualidade e gênero se legitima. A violência contra mulheres e a violência contra a população LGBTQIA+ não são, portanto, fenômenos isolados; são manifestações de uma mesma matriz de poder patriarcal que pune corpos e identidades dissidentes.

Contudo, é preciso reconhecer que essa matriz de poder não opera de forma homogênea, e é aqui que a análise dos dados oficiais encontra uma limitação que é, em si, reveladora. Os registros de segurança pública raramente oferecem recortes interseccionais que cruzem gênero e sexualidade com marcadores de raça e classe. Essa lacuna não é neutra: ela produz uma invisibilidade estatística que oculta as vulnerabilidades sobrepostas. Conforme aponta a perspectiva interseccional (Davis, 2016), uma travesti negra e periférica está exposta a um risco exponencialmente maior do que um homem gay branco de classe média. A experiência de "sentir-se em casa" torna-se, assim, não somente um privilégio para poucos, mas um risco calculado de forma desigual.

A análise do contexto espacial no qual as agressões ocorrem (Figura 8) aprofunda ainda mais o paradoxo da hospitalidade. Contrariando a noção de que o perigo reside em espaços ermos ou desconhecidos, os dados da SEJUSP/MG (2025) revelam que a violência LGBTQIA+fóbica acontece predominantemente em locais que deveriam ser de segurança e convivência. A "Via de Acesso Pública" (1.731 casos) e a "Residência" (1.112 casos) somam juntas mais de 66% de todas as ocorrências. Este dado é alarmante e significativo: a rua, o espaço da cidadania e da livre circulação, e a própria casa, o local do refúgio e da intimidade, são os principais palcos da hostilidade.

Figura 8 - Locais nos quais ocorreram as hostilidades



Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (SEJUSP-MG, 2025), Painel LGBTQIA+Fobia, período 2016-2025, Belo Horizonte, MG.

Essa constatação desmantela o discurso turístico de um acolhimento que se estende das paisagens aos lares. Se a hospitalidade é condicional, como argumenta Derrida (2003), a violência em residências demonstra que as "regras da casa" podem ser fatais, especialmente quando familiares não aceitam a identidade de gênero ou orientação sexual de um indivíduo. A violência em vias públicas, por sua vez, mostra que a "cidade hospitaleira" falha em seu dever mais básico de garantir segurança. A alta incidência em "Estabelecimento Comercial / Serviços" (233 casos) também questiona a segurança de espaços turísticos e de consumo que, em tese, deveriam ser acolhedores. Portanto, os dados não somente quantificam a violência; eles mapeiam a falência da hospitalidade mineira em seus espaços mais fundamentais, revelando que a hostilidade não é uma exceção, mas uma ameaça presente no cotidiano e nos ambientes mais íntimos.

4.3 Paradoxo desvelado: cruzando discurso e realidade à luz da geografia do medo

A articulação entre discurso institucional e dados de violência explicita o paradoxo central da pesquisa: a mesma Minas Gerais que se apresenta como santuário da hospitalidade projetada, para mulheres e pessoas LGBTQIA+, uma paisagem marcada por insegurança e medo.

A discrepância entre o discurso acolhedor e a brutalidade dos dados produz uma geografia do medo para sujeitos de gênero e sexualidade dissidentes. Para um turista, ou residente LGBTQ+, o espaço mineiro torna-se um campo de navegação complexa, no qual a promessa de segurança do marketing turístico está em constante tensão com a percepção de risco alimentada pela realidade da violência. O medo deixa de ser somente uma emoção e se torna uma prática espacial: ele dita quais ruas podem ser percorridas, em quais horários, que tipos de afeto podem ser demonstrados publicamente e em que locais. A necessidade de uma autovigilância constante, um cálculo permanente de riscos, impõe uma barreira invisível, porém eficaz, ao pleno exercício do direito à cidade e ao destino turístico (Lefebvre, 2008). A "topofobia", o medo de lugares, emerge paradoxalmente não em espaços abertamente hostis, mas em cidades e paisagens vendidas como o epítome da tranquilidade, onde a violência pode brotar do controle social da própria comunidade.

É nesse ponto que a hospitalidade mineira se revela não como um ato de acolhimento incondicional, mas como uma prática estritamente condicional (Derrida, 2003). O "acolhimento mineiro" funciona como um dispositivo de controle social que oferece segurança e aceitação àqueles que se conformam às normas hegemônicas. A hospitalidade é performada com excelência para o turista que se encaixa no padrão esperado, mas falha — e muitas vezes se converte em hostilidade explícita quando confrontada com corpos e identidades que desafiam a ordem heterocispatriarcal. A análise de Gotman (2001) sobre a hospitalidade como um fato social permeado por relações de poder se aplica perfeitamente: o "sentir-se em casa" é um privilégio concedido por um anfitrião seletivo, que define as regras de quem é bem-vindo.

Essa dinâmica pode ser lida à luz do conceito de homonacionalismo (Rao, 2014), segundo o qual narrativas de acolhimento inclusivo tendem a privilegiar sujeitos LGBTQ+ que se aproximam de um padrão de consumo, conduta pública discreta e adequação à ordem heteronormativa vigente, enquanto marginalizam identidades e corpos dissidentes que não se encaixam nesse

perfil. De modo semelhante, os espaços comerciais "gay friendly" identificados na pesquisa podem ser compreendidos à luz da noção de espaço liminoide (Rosenbloom & Batstone, 2007), que descreve como ambientes de consumo *queer* produzem experiências de comunidade (*communitas*) temporárias e mercantilizadas, sem necessariamente alterar as estruturas mais amplas de exclusão presentes no espaço público. A incorporação dessas categorias analíticas, reforça que hospitalidade e hostilidade não devem ser tratadas como polos opostos, mas como categorias que operam simultaneamente na produção da experiência turística e residencial de sujeitos LGBTQ+ em Minas Gerais.

A violência, portanto, não é uma anomalia ou uma falha no sistema da "mineiridade"; ela é um de seus mecanismos de manutenção. Conforme aponta a teoria *queer*, a performance de gênero e sexualidade que foge à norma pode ser percebida como uma ameaça à ordem social tradicional que o discurso da "mineiridade" tanto valoriza (Butler, 2018). A agressão física, a injúria e o feminicídio funcionam, nesse contexto, como atos brutais de policiamento de fronteiras identitárias, reafirmando violentamente quem pertence e quem deve ser excluído ou silenciado. O paradoxo se desfaz quando compreendemos que a hospitalidade e a violência não são opostos mas duas faces da mesma estrutura de poder: uma que acolhe o desejado e outra que pune o indesejado.

Este mecanismo de controle impacta diretamente a experiência turística e esvazia a promessa de acolhimento. Para o visitante LGBTQIA+, a geografia do medo impõe um roteiro invisível, um constante "cálculo de risco" que contradiz a ideia de lazer e descanso. A escolha de um destino, de um hotel ou de um restaurante passa a ser mediada pela busca de segurança, e a própria vivência do espaço público é cerceada: em que cidade histórica é seguro andar de mãos dadas? Em qual praça uma demonstração de afeto pode se transformar em alvo de hostilidade? O lazer, que deveria ser um ato de liberdade, converte-se em uma performance de autovigilância. Dessa forma, a hospitalidade seletiva mineira não somente exclui e silencia seus próprios residentes, mas também sabota a experiência turística que promete vender, transformando o destino de "refúgio" em um território de tensão e gerenciamento do medo.

5 Considerações finais

Este artigo partiu da seguinte questão de pesquisa: de que forma o discurso da hospitalidade mineira, promovido institucionalmente, oculta e contrasta com as realidades de violência e medo experienciadas por grupos de gênero e sexualidade dissidentes no estado? Ao longo da análise, demonstrou-se que existe um abismo entre a imagem de Minas Gerais como um destino universalmente acolhedor e os dados estatísticos que revelam um cenário de violência sistêmica contra mulheres e a população LGBTQIA+. A investigação permitiu concluir que a "hospitalidade mineira", mais do que uma característica cultural inata, opera como um construto social seletivo e um produto de marketing que, ao prometer segurança e acolhimento, invisibiliza a vulnerabilidade e o medo que marcam a experiência de muitos

As implicações desta pesquisa são significativas tanto para o planejamento turístico quanto para as políticas de segurança pública. Para o setor do turismo, os resultados apontam para a urgência de superar um discurso de marketing superficial e homogeneizador. A verdadeira hospitalidade não pode ser presumida, mas deve ser construída ativamente por meio de políticas de inclusão. Isso implica na capacitação de profissionais do setor para o atendimento à diversidade, na criação de selos e roteiros de segurança para o público LGBTQIA+, e na representação de corpos e afetos diversos nas campanhas de promoção do destino. Para a segurança pública, os dados reforçam a necessidade de políticas focadas, que reconheçam a especificidade da violência de gênero e da LGBTfobia. Ações afirmativas, como a criação de delegacias especializadas, a formação continuada de agentes para o registro humanizado de ocorrências e a produção de dados cada vez mais qualificados, são essenciais para combater a impunidade e construir um ambiente de segurança real, e não somente discursiva.

Conclui-se, portanto, que a 'hospitalidade mineira' não representa uma falha ou exceção, mas um sistema funcional de hospitalidade condicional (Derrida, 2003), cujo inverso, a hostilidade, atua como mecanismo estrutural de regulação de corpos e identidades dissidentes. A hostilidade, nesse sentido, não é a ausência de hospitalidade, mas sua outra face operacional.

Reconhecemos, contudo, as limitações deste estudo. A análise quantitativa, embora reveladora, baseia-se em dados oficiais que, sabidamente, são marcados pela subnotificação. Muitos crimes de ódio e de violência de gênero não chegam a ser registrados, o que sugere que o cenário aqui delineado pode ser ainda mais grave. Ademais, a pesquisa se concentrou na análise do discurso institucional e dos dados de violência, não aprofundando a percepção subjetiva e a experiência vivida dos sujeitos.

Diante disso, uma agenda de pesquisas futuras se desenha. Sugere-se realizar estudos qualitativos, como entrevistas em profundidade e etnografias com turistas e residentes LGBTQIA+ em Minas Gerais, para compreender como a geografia do medo é experienciada no cotidiano, quais estratégias de negociação espacial são utilizadas e como a promessa de hospitalidade é percebida por eles. Investigações comparativas entre diferentes destinos no estado como a capital, Belo Horizonte, e as cidades históricas poderiam igualmente aprofundar a compreensão sobre como este paradoxo se manifesta em diferentes contextos. Compreender Minas Gerais como um 'anfitrião seletivo' não é diminuir seu patrimônio cultural, mas reconhecer que a hospitalidade verdadeira exige, antes de tudo, a garantia de segurança e dignidade para todos os corpos, condição ainda não cumprida. Espera-se que este artigo, ao jogar luz sobre essa incômoda contradição, estimule não somente novos estudos, mas também um debate público qualificado sobre significando, de fato, ser um território acolhedor para todas, todos e todes.

Referências

- Anderson, B. (2009). Affective atmospheres. *Emotion, Space and Society*, 2(2), 77–81. <https://doi.org/10.1016/j.emospa.2009.08.005>

- Arruda, M. A. do N. (1999). *Mitologia da mineiridade: O imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. Brasiliense.
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) (2024). Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023. <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2023/01/dossieantra2023.pdf>
- Bastos, S., & Rejowski, M. (2015). Pesquisa científica em hospitalidade: desafios em busca de uma configuração teórica. *Revista Hospitalidade*, 12(1), 132–159. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/575>
- Bento, B. (2008). *O que é transexualidade*. Brasiliense.
- Borges, A. L. M. (2021). *Turismo e percepção do medo: O impacto da violência urbana no uso dos espaços públicos de Natal/RN* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/items/0196d48d-98cb-4351-bbea-dfa9f72c7c9f>
- Borges, C. O., Garcia, Í. C., Mondo, T. S., Braga, S. S., Sthapit, E., & Garrod, B. (2025). Sensação de segurança no turismo LGBTQ+. *Tourism and Hospitality Research*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/14673584251407212>
- Borges, C., & Braga, S. (2026). Segurança de turistas LGBTQIAPN+: Uma revisão da literatura. *Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 18, Artigo e026001. <https://doi.org/10.18226/21789061.v18ip026001>
- Bourdieu, P. (2019). *A dominação masculina* (M. H. Kühner, Trad.; 15ª ed.). Bertrand Brasil. (Obra original publicada em 1998)
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990)
- Camargo, L. O. de L. (2004). *Hospitalidade*. Aleph.
- Campos, R. L., & Feres Júnior, J. (2015). Uma crítica ao essencialismo identitário: A historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, 8(17), 246–261. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i18.841>
- Silva, B. F. R. P. G., & Brusadin, L. B. (2016). A hospitalidade mineira contemporânea sob a percepção dos turistas em Ouro Preto (MG): Generosidade x profissionalismo mercantil? *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, 9(20). <https://www.eumed.net/rev/turydes/20/generosidade.html>
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2018). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (5th ed.). SAGE Publications.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe* (H. Bueno, Trad.). Boitempo. (Obra original publicada em 1981)
- Derrida, J. (2003). *Da hospitalidade* (A. Romane, Trad.). Escuta. (Obra original publicada em 1997)
- Derrida, J., & Dufourmantelle, A. (2000). *Of hospitality* (R. Bowlby, Trans.). Stanford University Press. (Obra original publicada em 1997)
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2024). *Anuário brasileiro de segurança pública 2024* (ano 18). <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>
- Foucault, M. (2017). *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (M. T. da C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trads.). Paz & Terra. (Obra original publicada em 1976)
- Gotardo, A. T., & Bastos, S. (2023). Turismo e hospitalidade gay friendly na perspectiva da comunidade LGBTQIA+. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 17(1), e7371. <https://doi.org/10.61564/raoit.v17n1.7185>

- Gotman, A. (2001). *Le sens de l'hospitalité: Essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre*. Presses Universitaires de France.
- Iscan, T. (2017). Hospitalidade na *Odisseia* de Homero: Cuidado com o viajante, reciprocidade e dádiva. *Revista de Turismo, Lazer e Negócios*, 1(1), 94–111. <https://doi.org/10.5380/tes.v10i2.50430>
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer* (1ª ed., reimp.). Autêntica.
- Lefebvre, H. (2008). *O direito à cidade* (R. E. Frias, Trad.; 5ª ed.). Centauro. (Obra original publicada em 1968)
- Massey, D. (1994). *Space, place, and gender*. University of Minnesota Press.
- Mauss, M. (2017). *Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* (A. Cabral, Trad.). Edições 70. (Obra original publicada em 1925)
- Minas Gerais. (2022). *Turismo em Minas Gerais: Celebre o ano da mineiridade*. Portal Minas Gerais. <https://www.minasgerais.com.br/pt/blog/artigo/ser-mineiro-celebre-o-ano-da-mineiridade>
- Minayo, M. C. de S., Oliveira, Q. M. B. de, Souza, E. R. de, Njaine, K., Cecchetto, F. R., Avanci, J. Q., Ribeiro, A. P., & Ribeiro, F. M. L. (2016). *A atuação dos órgãos de segurança pública junto à população LGBT* (pp. 9–40). Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Segurança Pública. https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/estudos/pspvvolume6/a_atuacao_orgaos_seguranca_publica_junto_populacao_lgbt.pdf
- Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. (2023, 5 de junho). *Disque 100 registra aumento de mais 300% em denúncias de violações contra pessoas LGBTQIA+ nos primeiros cinco meses de 2023*. GOV.BR. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/disque-100-registra-aumento-de-mais-300-em-denuncias-contr-pessoas-lgbtqia-nos-primeiros-cinco-meses-de-2023>
- Ministério do Turismo. (2015). *Hospitalidade dos mineiros de BH foi aprovada por 97,6% dos estrangeiros, revela pesquisa*. GOV.BR. <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/hospitalidade-dos-mineiros-de-bh-foi-aprovada-por-976-dos-estrangeiros-revela-pesquisa>
- Oliveira, L. (2021, 12 de dezembro). 'A mineiridade é nosso maior produto', defende o secretário de Cultura e Turismo Leônidas Oliveira. *Hoje em Dia*. <https://www.hojeemdia.com.br/economiaefinancas/a-mineiridade-e-nosso-maior-produto-defende-o-secretario-de-cultura-e-turismo-leonidas-oliveira-1.867432>
- Orlandi, E. P. (2020). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Pontes Editores.
- Pain, R. (2009). Globalized fear? Towards an emotional geopolitics. *Progress in Human Geography*, 33(4), 466–486. <https://doi.org/10.1177/0309132508104994>.
- Pereira, G. G., & Simões, J. A. (2015). Entre o gueto e o mercado: Cenas e espaços da sociabilidade LGBT na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, (44), 329–361. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.24.06.a>
- Perinotto, A. R. C., Araújo, S. M., Borges, V. P. C., Soares, J. R. R., & Cardoso, L. (2022). The development of the hospitality sector facing the digital challenge. *Behavioral Sciences*, 12(6), Artigo 192. <https://doi.org/10.3390/bs12060192>
- Rao, R. (2014). Welcoming the world? Hospitality, homonationalism, and the London 2012 Olympics. *Antipode*, 46(3), 728–747. <https://doi.org/10.1111/anti.12082>
- Rodrigues, E. B. (2015). A hospitalidade na Bíblia e os rituais de comensalidade. *Revista Hospitalidade*, 12(2), 40–62. <https://doi.org/10.29147/revhosp.v21.1183>

- Rosenbloom, S., & Batstone, S. (2007). Queer consumption and commercial hospitality: Communitas, myths and the production of liminoid space. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 19(6), 449–459. <https://doi.org/10.1108/01443330710741093>
- Rubin, G. (1984). Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. S. Vance (Ed.), *Pleasure and danger: Exploring female sexuality* (pp. 267–319). Routledge & Kegan Paul.
- Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais. (2025). *Notícias*. Portal Secult-MG. <https://www.secult.mg.gov.br/noticias-artigos>
- Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais. (2025a). *Painel LGBTQIA+fobia*. Recuperado em 20 de setembro de 2025, de <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/component/sppagebuilder/page/267>
- Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais. (2025b). *Violência contra a mulher*. Recuperado em 20 de setembro de 2025, de <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/component/sppagebuilder/page/261>
- Selwyn, T. (2005). Uma antropologia da hospitalidade. In C. Lashley & A. Morrison (Orgs.), *Em busca da hospitalidade: Perspectivas para um mundo globalizado* (pp. 25–52). Manole.
- Souza, W. V. F., & Feliciano, C. A. (2021). Por uma leitura geográfica dos territórios da morte, do medo e de resistência LGBTQIAP+ no Brasil. *Revista NERA*, (61), 87–111. <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i61.9097>
- Tuan, Y.-F. (2005). *Paisagens do medo*. Editora UNESP.
- Vasconcelos, N. M. D., Alves, F. T. A., Andrade, G. N. D., Pinto, I. V., Soares Filho, A. M., Pereira, C. A., & Malta, D. C. (2023). Violência contra pessoas LGB+ no Brasil: Análise da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 26, Artigo e230005. <https://doi.org/10.1590/1980-549720230005.supl.1.1>

SOBRE OS AUTORES

Cristian Borges

Contribuições: conceituação, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, redação original e redação final.

E-mail: cristianborges08@gmail.com / ORCID: 0000-0001-8923-6623

Solano de Souza Braga

Contribuições: análise formal, metodologia, supervisão, revisão e redação final.

E-mail: solano@ufop.edu.br / ORCID: 0000-0002-6231-4756

André Riani Costa Perinotto

Contribuições: conceituação, análise formal, supervisão, validação, revisão e redação final.

E-mail: perinotto@ufdpar.edu.br / ORCID: 0000-0001-7094-3758

COMO CITAR

Borges, C., Braga, S. de S. & Perinotto, A. R. C. (2026). Acolhimento seletivo: paradoxo da hospitalidade e violência de gênero e sexualidade. *Revista Hospitalidade*, 23, 1285. <https://doi.org/10.29147/revhosp.v23.1285>